
Migrantes da fronteira: entre dois mundos¹

Migrants in border areas: between two worlds

Maria Clara Mocellin*
Maria do Carmo Santos Gonçalves**
Vania Beatriz Merlotti Herédia***

Resumo: O estudo objetiva analisar as estratégias de manutenção da identidade cultural adotada por migrantes fronteiriços, que, apesar de almejam se estabelecer na cidade em vista das oportunidades de trabalho, se encontram entre dois mundos: o do trabalho e o das relações sociais que mantêm com seus municípios de origem. O estudo analisa os discursos dos migrantes provenientes da fronteira e suas percepções em relação ao processo migratório, às dificuldades e aos limites enfrentados nesse percurso. O estudo realça o valor do trabalho como elemento de identidade étnica. O estudo foi realizado por meio de entrevistas com

Abstract: This study aims at analyzing strategies to keep the cultural identity adopted by migrants in border areas who, despite wishing to settle down in the city because of work opportunities, find themselves between two worlds: that of work and that of social relations they keep with their original municipalities. The study analyzes the accounts of migrants in border areas and their perceptions regarding the migratory process, its difficulties, the limits faced in this course. The study highlights the value of work as an element of ethnical identity. The study was carried out through interviews with migrants in border areas in a midsized

* Graduada em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. *E-mail:* claramm@terra.com.br

** Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Graduada em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante – Caxias do Sul – RS. *E-mail:* aesc.cam@terra.com.br

*** Doutora em História das Américas pela Universidade de Gênova – Sede Descentralizada em Turim, Itália. Pós-Doutora em História Econômica pela Universidade de Padova. Professora Titular na Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* vbmhered@ucs.br

migrantes fronteiriços, numa cidade de porte médio do Rio Grande do Sul. A proposta tomou como referência que as migrações não podem ser consideradas como reflexos de ações individuais, mas como parte de um processo que envolve uma rede que se sustenta nas relações de parentesco e que são mediadas por vínculos familiares, construídos por meio de convivência social. Esse processo sofre estímulos por parte da sociedade quando a mesma fomenta fluxos migratórios, estimulando a migração para algumas áreas e justifica essa mobilidade. O conjunto de ações que interferem nesses processos mostra que sempre existem tensões entre os discursos dos agentes que estimulam a mobilidade, e os migrantes que se defrontam com as mesmas decorrentes, do processo de adaptação.

Palavras-chave: Migrações internas; identidade; trabalho.

town in Rio Grande do Sul, Brazil. The proposal took as reference the fact that migrations cannot be considered a reflex of individual actions but as parts of a process involving a network that is supported by kin relations, and are mediated by family relations built through common social living. This process is stimulated by part of society when it fosters migratory flows, thus stimulating migration to some areas, and justifies this mobility. The set of actions interfering in these processes shows that there are always tensions between the discourse of the agents who stimulate mobility, and the migrants, who face the same tensions originated from the adaptation process.

Keywords: Internal migrations; identity; work.

Introdução

A migração interna tem sido uma constante na Região Nordeste do Rio Grande do Sul. Sua presença permite identificar algumas características que ocorreram nas últimas décadas e que mostram que os migrantes, que atualmente chegam à região, apresentam elementos de diferenciação social. Essa constatação justifica este estudo que nasce das pesquisas realizadas no Núcleo de Estudos do Trabalho e Políticas Sociais da Universidade de Caxias do Sul, associado ao Núcleo de Estudos Migratórios do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) e ao Núcleo de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul foi marcada historicamente por migrações. Esse fenômeno, responsável pela ocupação dessa terra e também pelo crescimento de sua população, reflete a presença acentuada de migrações que formaram a mão de obra dessa região. Este estudo tem como interesse estudar a migração de fronteiriços, tomando como referência a migração em Caxias do Sul, cidade de médio porte, que

tem crescido em decorrência do processo migratório. Tem como objetivo identificar, nas narrativas desses migrantes, o significado que atribuem ao processo migratório, tomando como base suas experiências de vida. Os migrantes escolhidos fazem parte do Banco de Dados do CAM, do projeto “Migrações internas e dinâmicas migratórias” e do banco de dados do projeto “Fluxos migratórios e percurso de migrantes urbanos em Caxias do Sul: família, trabalho, religião e redes sociais”.² O estudo utilizou como referência a noção de “fronteira em movimento” (ALBUQUERQUE, 2009), que ultrapassa as implicações das fronteiras territoriais. Esse conceito colabora para a compreensão do fluxo migratório fronteiriço em Caxias do Sul, à medida que entende a fronteira como “marcos de diferenças sociais”.

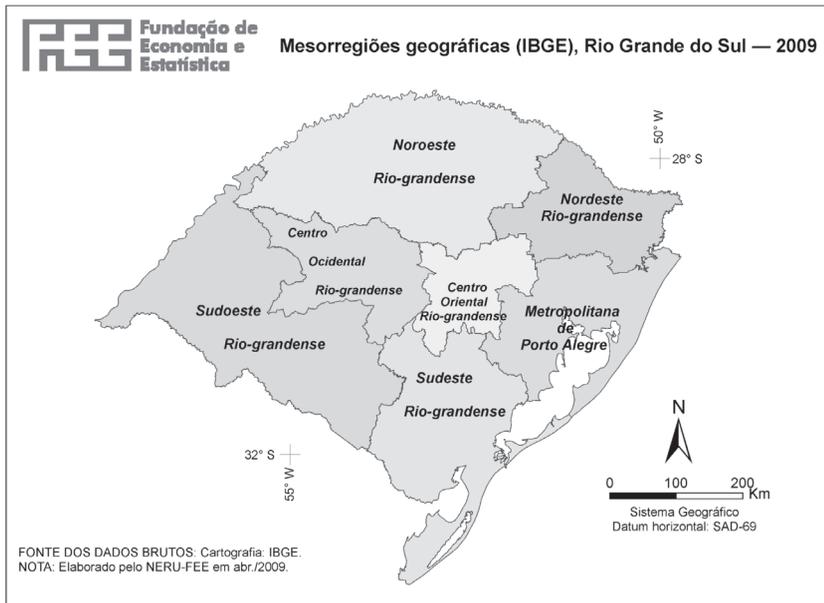
Inicialmente é interessante destacar que o grande interesse das migrações para essa região é a busca por trabalho. O *trabalho* tem sido o elemento principal de atração e da mobilidade ocupacional e mostra que aqueles que migram o fazem em busca, sobretudo, de trabalho, emprego e sobrevivência.

Essa percepção permite traçar algumas premissas que subsidiam o estudo em questão, decorrente de outros estudos anteriores realizados pelas autoras: 1) que a cidade de Caxias do Sul tem sido local de migrações contínuas; 2) para cada período que caracteriza o crescimento econômico do município, os fatores de atração estão atrelados ao mercado e à necessidade de força de trabalho (HERÉDIA, et al., 2011); 3) que a mobilidade ocupacional tem sido o eixo das migrações internas na região (OLIVEIRA; SANTOS, 1998); 4) que as migrações urbanas recentes têm trazido migrantes com perfis distintos das migrações anteriores, influenciadas pelas redes de parentesco (MOCELLIN, 2011a); 5) que a mobilidade ocupacional com elevação de renda é movida pela ascensão social (MOCELLIN, 2011b); e 6) que a modificação no padrão e no crescimento dessa mobilidade intrarregional é evidente. (KOUCHER, 2011).

Essas premissas mostram que a região da Serra gaúcha, local onde se encontra o Município de Caxias do Sul, cresceu muito na última década, o que permite identificar algumas alterações nos padrões migratórios que caracterizam os deslocamentos para essa região.

O mapa a seguir traz a divisão do território do Rio Grande do Sul, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e permite por meio dos dados demográficos apresentados no quadro 1 e nas tabelas 1, 2 e 3 a seguir, situar os municípios que tiveram maior perda populacional.

Quadro 1 – Mesorregiões geográficas do Rio Grande do Sul – 2009



Fonte: IBGE (2009).

É o caso dos municípios de fronteira³ que, consoante o Censo Demográfico de 2010, apresentaram crescimento negativo, o que comprova a existência de deslocamentos de população.

Tabela 1 – Distribuição absoluta e percentual da diferença entre a população dos municípios da Mesorregião Sudoeste do Rio Grande do Sul entre 200 e 2010

Municípios localizados na Mesorregião Sudoeste	População em 2010	População em 2000	Diferença entre 2000 e 2010	
			Absoluta	Percentual
Acegua*	4.394	–	–	–
Alegrete	77.653	84.338	- 6.685	- 7,93
Bagé	116.794	118.767	- 1.973	- 1,66
Barra do Quaraí	4.012	3.884	128	3,30
Dom Pedrito	38.898	40.410	- 1.512	- 3,74
Garruchos	3.234	3.675	- 441	-12,00
Hulha Negra	6.043	5.359	684	12,76
Itaqui	38.159	39.770	- 1.611	-4,05
Lavras do Sul	7.679	8.109	- 430	- 5,30
Maçambará	4.738	5.035	- 297	- 5,90
Manoel Viana	7.072	6.995	77	1,10
Quaraí	23.021	24.002	- 981	- 4,09
Rosário do Sul	39.707	41.058	- 1.351	- 3,29
Santa Margarida do Sul*	2.352	–	–	–
Santana do Livramento	82.464	90.849	- 8.385	- 9,23
São Borja	61.671	64.869	-3.198	- 4,93
São Francisco de Assis	19.254	20.810	- 1.556	- 7,48
São Gabriel	60.425	62.249	- 1.824	- 2,93
Uruguaiana	125.435	126.936	- 1.501	- 1,18
Rio Grande do Sul	10.693.929	10.181.749	512.180	5,03

Os dados demográficos da Mesorregião Sudoeste do Rio Grande do Sul refletem o movimento de uma população que se desloca do lugar de origem para outro em busca de oportunidades de vida. Observa-se que a população da fronteira (Mesorregião Sudoeste), de forma geral, não teve crescimento na última década, contrastando com a população da Serra Gaúcha (Mesorregião Nordeste) que cresceu de forma positiva, o que permite inferir que uma parte desse crescimento deriva de movimentos migratórios. Alguns municípios tiveram maior perda de população do que outros como é o caso de Santana do Livramento, Alegrete, São Borja, Bagé, Itaqui, Dom Pedrito, Uruguaiana, Rosário do Sul e Quaraí.

Tabela 2 – Distribuição absoluta e percentual da diferença entre a população dos municípios da Serra entre 2000 e 2010

Municípios localizados na Serra gaúcha	População em 2010	População em 2000	Diferença entre 2000 e 2010	
			Absoluta	Percentual
Bento Gonçalves	107.278	91.486	15.792	17,26
Canela	39.229	33.625	5.604	16,67
Caxias do Sul	435.564	360.419	75.145	20,85
Farrroupilha	63.635	55.308	8.327	15,06
Flores da Cunha	27.126	23.678	3.448	14,56
Gramado	32.273	28.593	3.680	12,87
Garibaldi	30.689	28.337	2.352	8,30
Rio Grande do Sul	10.693.929	10.181.749	512.180	5,03

Pesquisa: “Migrações internas e suas dinâmicas”. Elaboração: Bruna Pandolfi (Pibi)/CNPq.

Fonte: Censo 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&tuf=43>>.

Dos municípios da Serra gaúcha,⁴ os que mais cresceram foram: Caxias do Sul (20,85%), Bento Gonçalves (16,67%), Canela (16,67%), Farroupilha (15,06%) e Flores da Cunha (14,56%). Constata-se que os municípios vizinhos de Caxias do Sul cresceram em igual proporção, o que mostra um deslocamento de população para essa região. Entretanto, no Estado do Rio Grande do Sul, o crescimento foi menor, o que reflete algumas mudanças nos padrões de mobilidade.

Tabela 3 – Distribuição absoluta e percentual da diferença entre a população do País, da Região Sul, do Rio Grande do Sul e de Caxias do Sul na última década

País, região, estado e município	População em 2010	População em 2000	Diferença entre 2000 e 2010 Absoluta	Percentual
Brasil	190.755.799	169.590.693	21.165.106	12,48
Região Sul	27.386.891	25.089.783	2.297.108	9,16
Rio Grande do Sul	10.693.929	10.181.749	512.180	5,03
Caxias do Sul	435.564	360.419	75.145	20,85

Pesquisa: “Migrações internas e suas dinâmicas”. Elaboração: Bruna Pandolfi (Pibic/CNPq).

Fonte: Censo 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=43>>.

Atualmente, a indústria em Caxias do Sul representa de 40% a 60% do valor adicionado bruto, empregando 75.118 pessoas em 5.872 indústrias.⁵ Essa é uma das forças econômicas que movimentam o mercado de trabalho e que atraem migrantes para o município. A possibilidade de conseguirem trabalho é o motivo decisivo para a vinda a esse município.

Identidades marcadas: “Sou da fronteira”

O estudo contempla migrantes de regiões consideradas de fronteira⁶ que se diferenciam de outros migrantes pela sua origem: “Sou da fronteira.” Tal diferenciação se manifesta nas suas diferentes interações com outros migrantes oriundos de várias regiões e com os grupos já estabelecidos na cidade e que se autodenominam de origem italiana. A identificação “sou da fronteira” mostra que esse grupo apresenta diferenças em relação aos grupos de migrantes anteriores, como é o caso dos migrantes oriundos dos Campos de Cima da Serra. Estes últimos, para garantir e assegurar sua entrada no mercado de trabalho, não acentuavam o fato de serem “de fora” da cidade, oriundos de outro lugar.

A necessidade de inserção leva a pensar sobre a importância da integração para aqueles que são “de fora” da cultura local e que possuem diferenças distintas quanto a hábitos, práticas culturais, formas de vestir, de falar, de sentir. A análise dos relatos permite explicitar essas observações e pensar nessas dinâmicas que se diferenciam das anteriores.

Vale lembrar que, na cidade de Caxias do Sul, existiram diferentes processos migratórios desde a sua fundação. O primeiro deles, produto de uma imigração histórica, nasceu da política migratória do Império brasileiro e implicou a vinda de imigrantes italianos que se estabeleceram na região de Caxias do Sul, a partir de 1875. O segundo é oriundo de migrações internas que se deslocaram para a região quando a mesma se transformou num polo comercial,⁷ marcado pelo surgimento de pequenas indústrias e de intenso comércio regional. O fluxo seguinte foi marcado pela presença da indústria que se modernizou, utilizando o modelo desenvolvimentista que estimula o êxodo rural no discurso em que o País recuperará seu atraso histórico.

Um dos resultados do processo de colonização dessa região foi a configuração de uma elite empresarial e intelectual, com papel importante no processo de valorização e afirmação de uma identidade étnica, denominada aqui de *italianidade*. (MOCELLIN, 2008). Tal processo de valorização de um grupo étnico ocorreu, sobretudo, de 1970 a 1980, período de modernização da economia regional.

Nesse período de modernização econômica, se constatou, de forma objetiva, a intensificação de um processo migratório, formado por fluxos internos de migração ao Estado do Rio Grande do Sul, oriundos de regiões próximas de Caxias do Sul, como são os Campos de Cima da Serra, na qual predomina uma população de origem luso-brasileira. A atração desse fluxo migratório para Caxias do Sul ocorreu em razão do dinamismo do seu parque industrial e do aumento da concentração de comércio e serviços.

Partindo desses três processos migratórios diferenciados, e tendo como períodos os anos de modernização da economia local, tem-se um momento privilegiado para pensar como se constrói um processo de diferenciação identitária, em que dois grupos distintos interagem na sociedade local: os já estabelecidos descendentes de imigrantes italianos, que compõem a maior parte da classe média e das elites locais (empresariais e intelectuais) e os recém-chegados, migrantes de origem luso-brasileira, que irão compor a mão de obra da indústria local. Um exemplo dessa interação marcada pela diferenciação é a representação do trabalho como distinção étnica, em que

a autorrepresentação de “mais trabalhador”, “mais qualificado” e “mais apto ao trabalho” é atribuída aos descendentes de imigrantes italianos.

Entretanto, no fim dos anos 90 (séc. XX), constata-se um processo migratório diferente dos anteriores, oriundo das fronteiras oeste e sul do RS, bem como de outros estados do Brasil. (MOCELLIN, 2011a). Nesse fluxo, se percebe um processo de diferenciação marcado pela autodenominação “sou da fronteira”, que traz consigo sinais diacríticos expressos no sotaque, na alimentação (consumo maior de carne), na forma de tomar o chimarrão (mate no *shopping*), na forma de se vestir e de se relacionar (menos formal) e, sobretudo, no sentimento de pertença a um lugar de origem, reafirmado em suas falas, bem como expresso em incipientes formas de associação de oriundos da fronteira. Tais elementos funcionam como marcas de distintividade do grupo.

Num primeiro momento, pode-se inferir que os migrantes fronteiriços interagiram na sociedade receptora marcando sua diferença por meio de alguns sinais diacríticos, e que isso não aconteceu tão acentuadamente com os migrantes mais antigos provenientes dos Campos de Cima da Serra. Entretanto, tanto os primeiros quanto os segundos incorporaram o discurso do trabalho como distinção. O registro por parte dos fronteiriços de que “em Caxias só não arruma trabalho quem não tem vontade” é frequente. Essa afirmação pode ser entendida simbolicamente como uma demonstração de pertencimento ao novo meio, mediante a inserção no mercado de trabalho.

Evidencia-se, assim, o caráter situacional da identidade, ao mesmo tempo que os migrantes fronteiriços se diferenciam por meio de alguns sinais diacríticos, também afirmam a sua integração e contribuição à sociedade local pela inserção no mercado de trabalho. É o caso da fala de uma migrante da fronteira.

Hoje eu me sinto como se eu tivesse nascido aqui, os meus filhos nasceram aqui. Caxias me apoiou, me fez filha dela. Eu sair de Caxias não dá, tem muito emprego. É uma vida bem sofrida, bem-vivida e com muitas experiências. (B., feminino, 47 anos, de Alegrete, há 32 anos morando em Caxias do Sul).

O sentimento de pertencimento grupal, baseado na autoatribuição e na atribuição pelos outros, tal como Barth (2000) caracteriza a identidade étnica, nos ajuda a entender a posição dos fronteiriços em face dos demais.

O caráter contrastivo⁸ da identificação “sou da fronteira, não sou daqui, mas estou inserido no mercado de trabalho”, se elabora em relação aos outros grupos de migrantes mais antigos, mas, sobretudo, aos já estabelecidos e de ascendência italiana, autodenominados de “gringos” e classificados pelos migrantes como um grupo “mais fechado”, que mantém uma distância e um estranhamento com pessoas recém-chegadas na cidade.

Eu tive apoio, ajuda dos que tinham vindo de outro lugar [...] aqui em Caxias demora... é assim da parte dos “gringos”. Eles ficam sempre assim de longe. Agora, quando eles descobrem que tu presta, aí não tem melhor. (J., feminino, 41 anos, de Santa Catarina, há 14 anos morando em Caxias).

A identificação “sou da fronteira” é produzida na interação com os outros, migrantes mais antigos na cidade, descendentes de italianos já estabelecidos, baianos recém-chegados, dentre outros grupos que compõem os fluxos migratórios. Em outras palavras, o reconhecimento da diferença é mediada pela interação com o *outro*, e produz classificações nativas, tais como: “meio áspero”, “mais dócil”. É o caso do relato de outra migrante da fronteira morando há um ano em Caxias do Sul.

Eu acho que cada um é do seu jeito. Às vezes a gente não tem convivência com as pessoas, então tem pessoas que falam contigo que são meio ásperos, assim, parece que vem com vinte e cinco pedras nas mãos, mas talvez seja o jeito da pessoa. A gente não tá acostumado, e a gente já é mais dócil, já vem se arregaçando pras pessoas que, às vezes, nem sabem se querem aquilo. A gente assim, a gente estranhou. (L., feminino, 53 anos, de Bagé, há um ano morando em Caxias do Sul).

Pelos relatos, a vivência do processo migratório aproxima os migrantes oriundos desses últimos fluxos migratórios. Caberia investigar as representações produzidas pelos migrantes mais antigos acerca dos mais recentes e se há identificação e redes de ajuda mútua entre eles. Em princípio, tem-se a impressão de que não se estabeleceram redes de ajuda mútua entre eles, apenas ações isoladas e uma identificação pelo fato de “ser de fora” em relação aos descendentes de italianos.

Num dos bairros em que as pesquisas foram realizadas (MOCELLIN, 2011a), havia diferenciação nas moradias dos migrantes mais recentes em relação às dos migrantes mais antigos. Espacialmente, existia uma fronteira, que dividia e concentrava as casas de aluguel, daquelas casas com pátio amplo e ajardinado em que moravam migrantes mais antigos. As casas de aluguel eram moradias dispostas num mesmo terreno, geralmente tinham acesso por um beco, onde se encontravam estacionados carros antigos de modelos populares.

Essa fronteira não é apenas geográfica, mas simboliza uma diferenciação de quem chegou antes, estruturou uma rede familiar e de vizinhança, teve acesso à qualificação para o trabalho e ocupa postos de trabalho mais qualificados.

A representação do trabalho como distinção foi incorporada tanto pelos migrantes mais antigos quanto pelos mais recentes. O trabalho significava integração e pertencimento ao novo meio, mediante inserção no mercado de trabalho. O aumento da renda salarial possibilitava o acesso a alguns bens que antes da migração eram restritos e que, atualmente, se tornavam símbolos de ascensão social, como era a aquisição de um carro popular, de aparelhos domésticos (sobretudo, televisão e máquina de lavar roupa), de mobiliário para a casa, e de “roupas de marca”. Uma estratégia de acesso à moradia, em muitos casos observados, era comprar um terreno e construir uma casa em local de ocupação, para, após algum tempo, regulamentar a situação da moradia.

Cabe ressaltar que tratamos aqui de migrantes oriundos de fluxos recentes, que se inseriram em postos de trabalho menos qualificados, seja em setores da indústria, seja em serviços. Conforme em outro estudo (MOCELLIN, 2011b), a baixa escolaridade dessa população migrante é um elemento importante para o agravamento da rotatividade ocupacional. Observava-se que a maioria dos migrantes entrevistados não permanecia por muito tempo no mesmo posto de trabalho e, para complementar a sua renda, faziam “bicos”, como pintura, trabalhos esporádicos na construção civil, dentre outros.

Redes de parentesco e de relações sociais

O estudo identifica que as redes de parentesco têm sido um fator de influência para a escolha do local de migração em busca de trabalho. A experiência positiva de familiares que migraram anteriormente aparece como

fator predominante. Em diversos estudos,⁹ as redes de parentesco são analisadas como sendo os elementos que influenciam na mobilidade ocupacional.

Nas falas dos migrantes, aparece o percurso que os primeiros familiares definiram e que o restante da família migra por influência dessas experiências. Na grande maioria, os parentes atraem novos grupos para Caxias do Sul e oferecem aos mesmos, inclusive, a residência como local de moradia até o momento em que conseguem se inserir no mercado de trabalho. Para muitos, esse período não é longo, pois os parentes conseguem trabalho para os mesmos antes mesmo de migrarem, conforme revelam os depoimentos que seguem:

Meu irmão já tinha vindo primeiro na frente, já tinha casa aqui, eu fiquei umas três semanas na casa dele. (P., masculino, 32 anos, de Uruguaiana, há dois anos e alguns meses morando em Caxias do Sul).

Foi através de uma prima minha que nos trouxe para Caxias. Nós ficamos a primeira semana com ela até achar uma casa para alugar. [...] Tinha parentes que moravam aqui. (E., feminino, 41 anos, de Santana do Livramento, há um ano e oito meses morando em Caxias do Sul).

Corroborando os dados da pesquisa, estudos realizados por Fazito (2002) indicam que um dos mecanismos comuns utilizados por grupos de migrantes é o uso de redes sociais com o objetivo de efetivar o projeto migratório. O papel das redes auxilia no processo migratório por meio das relações e conexões que as mesmas oferecem. As redes migratórias, segundo Massey et al., “consistem de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras”. (Apud FAZITO, 2002, p. 9). Esse autor explicita, ainda, que os laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos.

Essa forma de explicitação pressupõe que os migrantes, à medida que se integram ao espaço social receptor, adotam como seus alguns dos hábitos e muitas das práticas dessa sociedade, o que altera algumas formas de comportamento. A aceitação por parte do migrante de mudanças de

comportamento mostra que o mesmo aceitou as exigências que lhe são impostas como condição para sua inserção. A aculturação fortalece a rede e amplia seu raio de ação, como se lê:

Eu achei um povo muito fechado. Sobre assim, nós lá de fora, todo mundo se cumprimenta... ou passa na rua “Óh, boa-tarde, bom-dia”. Aqui, no começo, a gente tinha esse costume e as pessoas parecem que, tipo não enxergavam, sabe, tipo é, nunca te vi. (E., feminino, 41 anos, de Santana do Livramento, há um ano e oito meses morando em Caxias do Sul).

As exigências impostas para a inserção forçam o migrante a mudanças comportamentais que envolvem algumas vulnerabilidades. Se o migrante aceita as novas regras, facilita a sua inserção; se resiste, sofre a pressão com medo da exclusão. A resistência implica a redução de acesso às oportunidades que estão disponíveis, aumentando o grau de vulnerabilidade.

Não consigo me acostumar aqui. Só com o trabalho. [...] O trabalho é bom. O problema é ficar longe dos parentes. Sou de cidade menor, por isso a dificuldade de me acostumar. [...] Está difícil, porque tu não podes comprar as coisas para ti, porque tem que pagar o aluguel, então nunca sobra nada. A comida também é cara. Material escolar é caro. (S., feminino, 39 anos, de Alegrete, há um ano e alguns meses morando em Caxias do Sul).

Os migrantes fronteiriços, mesmo que identifiquem essas imposições, fazem questão de ser reconhecidos como aqueles que não são do lugar. As diferenças são evidenciadas nas falas, no reconhecimento de que o lugar de origem é distinto e que se tivesse trabalho seria o lugar ideal para viver.

Aqui para o lado de Caxias não é tanto assim como é lá na fronteira. Lá geralmente é churrasco, coisa que aqui já tem polenta, já tem outras coisas, já não tem o chimarrão, que é raro tu vê. Então agora, por exemplo, em setembro, nós temos lá os eventos tradicionalistas gaúcho. Aqui, quando eu cheguei, vi no jornal que tinha uns alunos barrados no colégio por estar usando pilchas gaúchas, em plena Semana Farroupilha. Tem coisas diferentes, não é? Mas a gente se acostuma, fazer o que? (P., masculino, 32 anos, de Uruguaiana, há dois anos e alguns meses morando em Caxias do Sul).

A busca pelo trabalho é considerada pelos migrantes o grande motivo das migrações para Caxias do Sul. A possibilidade de trabalhar, de ter melhores condições de vida e de sair de situações de vulnerabilidade, criadas pela condição de desemprego permanente, é tido como o impulso inicial para sair do lugar de origem.

Nessa direção, a migração, na sua origem, pode ser considerada uma “estratégia utilizada pelo grupo que migra que os diferencia dos que permanecem no local”. (HERÉDIA et al., 2011, p. 119). Não se pode esquecer, quando se trata de estudos sobre a migração, que a mesma é adotada como estratégia para o rompimento da situação de vulnerabilidade do local de origem. Vale afirmar que “nem sempre é exitosa, pois a mudança geográfica implica a perda de parte do capital social acumulado no local de origem, ativo importante para a superação das vulnerabilidades”. (HERÉDIA et al., 2011, p. 120).

Por causa de emprego. Lá eu só conseguia trabalhar de empregada doméstica. (M., feminino, 29 anos, de Uruguaiana, há cinco anos morando em Caxias do Sul).

Serviço. Lá na minha cidade, no caso, dava muito pouco serviço, a área mais é supermercado e arroz, mas o arroz também não era época da safra. Depois que passa a safra, tu fica desempregado de novo. (P., masculino, 32 anos, de Uruguaiana, há dois anos e alguns meses morando em Caxias do Sul).

O principal motivo mesmo foi a oportunidade para crescer, trabalhar, ter oportunidade de fazer cursos, que a gente sabe que aqui ajudam muito nesses aspectos. Esse foi o objetivo maior. (J., masculino, 27 anos, de Santana do Livramento, há seis anos morando em Caxias do Sul).

Caxias do Sul, pelo fato de se caracterizar como uma cidade industrial, de médio porte, proporciona acesso a bens de consumo, que eram restritos antes da migração para aqueles que migraram. À medida que os migrantes se inserem no mercado de trabalho, conseguem acessar, por meio da renda advinda do trabalho, bens de consumo que antes não lhes era possível por diversos motivos. Dessa maneira, o aumento da renda oportuniza esse

acesso que por muitos é valorizado. Vários registraram que não tinham nem mesmo como satisfazer as necessidades básicas.

Saudades, saudades assim sinto dos amigos, mas do jeito que eu estava, não adiantava ter bastante amigos, se eu não tinha as coisas que eu precisava. (V., feminino, 41 anos, de Bagé, há 15 dias morando em Caxias do Sul).

Da minha terra. Mas hoje a saudade seria assim, ou ir passear, não para voltar a morar. (E., feminino, 41 anos, de Santana do Livramento, há um ano e oito meses morando em Caxias do Sul).

Considerações finais

O estudo demonstra a riqueza do tema e as contradições que o mesmo carrega consigo. O que mais chama a atenção nos estudos sobre os movimentos migratórios é que os migrantes nem sempre têm a intenção de migrar, mas que a situação de vida atinge um limite de sobrevivência que os obriga ao processo migratório. Nessa situação, a migração é vista como uma estratégia utilizada pelo grupo para romper com a situação em que se encontra. Essa estratégia os diferencia dos demais que permanecem no local de origem.

As experiências de familiares e amigos acabam interferindo na decisão de migrar, principalmente na busca de condições que não encontravam no lugar de origem. O acesso ao consumo transforma positivamente o lugar de chegada, na medida em que oferece uma nova condição de vida.

O estudo evidencia o caráter situacional da identidade entre os migrantes da fronteira. Ao mesmo tempo que se diferenciam pela identificação com a origem, se sentem pertencendo à sociedade receptora pela inserção no mercado de trabalho.

Hoje eu me sinto como se tivesse nascido aqui. (B., feminino, 47 anos, de Alegrete, há 32 anos em Caxias).

Essa identificação é distinta quando comparada aos fluxos migratórios anteriores que não expressavam de forma acentuada as diferenças de origem.

Na pesquisa, se constata que os que migraram se sentiam satisfeitos com a decisão de migrar, porque em Caxias do Sul possuíam melhores

condições de trabalho, com mais alternativas e maior renda, e estão vivendo num novo padrão de consumo. Esses eram alguns dos motivos que os levavam a permanecer e a se integrar à sociedade local.

Os estudos sobre migrações internas mostram que elas não são uniformes e que também dependem das políticas de desenvolvimento da sociedade de destino. Mostram, ainda, que as consequências desses movimentos afetam as cidades, que não são invisíveis e que muitas vezes escapam do controle do observador pela falta de interesse político e pela ineficácia da máquina pública de enfrentar o dinamismo do próprio fenômeno.

Notas

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 2 e 5 de julho de 2012, em São Paulo.

² O projeto foi coordenado por Maria Clara Mocellin, desenvolvido inicialmente na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, atualmente, se encontra vinculado ao Núcleo de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

³ Segundo o IBGE, a faixa de fronteira compreende “uma faixa interna de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, considerada área indispensável à Segurança Nacional, onde é vedada, sem o prévio assentimento do órgão federal competente, a prática e atos referentes à concessão de terras, abertura de vias de transporte e instalação de meios de comunicação; construção de pontes, estradas internacionais e campos de pouso; estabelecimento ou exploração de indústrias que interessem à Segurança Nacional”. (INTERNET, 2012).

⁴ Estudos anteriores sobre movimentos populacionais no Rio Grande do Sul, que tomaram como referência os dados demográficos do Censo de 2000 (IBGE), já apontavam que a Mesorregião Nordeste do RS conseguia ter maior nível de retenção de mão de obra daqueles fluxos, expulsando, proporcionalmente, um número menor de mão de obra. (JARDIM; BARCELOS, 2005).

⁵ Dados da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul

(2007). Disponível em: <<http://www.cic-caxias.com.br/perfil/perfil/frames.html>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

⁶ “No Brasil, a fronteira não é uma linha, um limite, um avanço da civilização ou um processo unilateral ou unilinear. Devemos falar não de uma fronteira, mas de experiências, transações e mutações de fronteiras múltiplas e complexas.” (MORSE apud VELHO, Octávio G. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: Difel, 1979. p. 114).

⁷ HERÉDIA, Vania B. M. *Memória e identidade*. Caxias do Sul: Belas Artes, 2007. Nessa obra, há um detalhamento da expansão econômica do Município de Caxias do Sul em períodos históricos, mostrando as etapas do desenvolvimento regional, ou seja, da agricultura colonial, do comércio, da indústria, do comércio e dos serviços e a presença dos fluxos migratórios na formação de mão de obra.

⁸ Para Barth (2000), o fundamental nos estudos dos grupos étnicos não é a especificidade do conteúdo cultural, mas a situação das fronteiras, dos limites que o grupo étnico se coloca ou daqueles que o *outro* lhe impõe.

⁹ SCARIOT, Eléia. Recepção midiática e migrações contemporâneas: usos de mídias e sentidos sobre o trabalho. In: HERÉDIA, V. B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo S. *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011. p. 139-163.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.
- ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.
- BARTH, Fredrick. *Grupos étnicos e suas fronteiras: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CARLEIAL, Adelita. Trabalho e redes de solidariedade aos migrantes. *Scripta Nova*, ano VI, v. 119, n. 124, ago. 2002.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- FAZITO, Dimitri. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto, 2002.
- HERÉDIA, Vania B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo (Org.). *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letras & Vida, 2011.
- HERÉDIA, V. B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo População e desemprego: uma análise sociodemográfica em Caxias do Sul. In: VALENÇA, Márcio Moraes; CAVALCANTE, Gilene Moura (Org.). *Transformações urbanas: globalização e marginalidade*. Natal: Ed. da UFN, 2008. p. 403-418.
- _____. *Memória e identidade*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2007.
- HERÉDIA, Vania B. M.; OLIVEIRA, Giovana. Fluxos migratórios: os efeitos de migrações internas no Município de Caxias do Sul. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR. DIVERSIDADE Y PODER EN AMÉRICA LATINA, 8., 2009, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires, 2009.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Áreas Especiais: faixa de fronteira*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/fs_brasil.html>. Acesso em: 6 mar. 2012.
- JARDIM, Maria de Lourdes; BARCELOS, Tanya. Movimentos populacionais no RS: uma visão inter e intrarregional através dos Conselhos de Desenvolvimento (Coredes). In: ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 26, número especial, p. 43-170, maio 2005.

- KOUCHER, Ademir Barbosa. Concentração e desconcentração populacional: uma análise das migrações internas no espaço regional do Estado do Rio Grande do Sul entre 1970 e 2000. In: HERÉDIA, Vania B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo (Org.). *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letras & Vida, 2011. p. 17- 42.
- MASSEY, D. et al. Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium. In: FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto, 2002.
- MOCELLIN, Maria Clara. *Trajetórias em rede*: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. 2008. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2008.
- MOCELLIN, Maria Clara. Fluxos migratórios e percurso de migrantes urbanos em Caxias do Sul-RS. In: DUTRA, Délia da S.; MARINUCCI, Roberto; SANTIN, Terezinha (Org.). *Vidas em trânsito*: mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos. Brasília: Ed. da CSEM, 2011a. p. 144-170.
- MOCELLIN, Maria Clara. Percurso de Migrantes Urbanos Recentes em Caxias do Sul: expectativas de trabalho e redes familiares. In: HERÉDIA, Vania B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo (Org.). *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letras & Vida, 2011b.
- MOUTOUKIAS, Zacarias. Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. In: BJERG, Maria; OTERO, Hernán (Org.). *Immigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: Instituto de Estudios Históricos Sociales; Buenos Aires: Cemla, 1995. p. 221-241.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (Org.). Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. *Estudos & Análises Informação Demográfica e Socioeconômica*, Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- OLIVEIRA, Giovana Mendes; GONÇALVES, Maria do Carmo. Panorama atual da migração para Caxias do Sul. In: ZUGNO, Luiz Paulo; HERÉDIA, Vania B. M. (Org.). *Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: Educus, 2003. p. 145-160.
- SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, H. A. (Org.). *Migração interna*: textos selecionados. Fortaleza: BNB; Etene, 1980. p. 212-244.

SCARIOT, Eléia. Recepção midiática e migrações contemporâneas: usos de mídias e sentidos sobre o trabalho. In: HERÉDIA, V. B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo S. *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011. p. 139-163.

VELHO, Octávio G. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: Difel, 1979.

